

Contas públicas terão melhor resultado

Flávio Nolasco, sócio da MA Consultores Econômicos, vai na contramão dos que vislumbram um ano apenas médio para as contas do Governo. "O maior ganho da economia em 1997 é fiscal. Existem uma série de fatores que colocam o ano em uma situação mais favorável", diz Nolasco. Ele não prevê superávit, mas estima que o déficit vai ficar em 1,9% do PIB, menos da metade dos 4% previstos para encerrar o ano de 1996. As outras consultorias trabalham com números bem maiores, na média superiores a 3%, que era o resultado inicialmente projetado para este ano. O LLoyds Bank admite a possibilidade do déficit ficar entre 2,5% e 3,0% do PIB e a LCA projeta 2,9%.

Entre os fatores que permitirão uma melhora fiscal, Nolasco lembra da maior arrecadação prevista e do programa de desestatização. "Vai ser um ano forte em privatizações", observa. O Departamento Econômico do Citibank tem uma avaliação parecida, mas também destaca pontos que vão agir contra a melhoria das contas públicas.

Pressão - Pelos cálculos do Citi, a CPMF e as alterações no Imposto de Renda vão garantir ao Governo uma arrecadação extra de R\$ 8 bilhões em 1997. Além disso, o pacote de cortes de despesas em estatais e de pessoal anunciado em outubro vai permitir uma redução de 0,4% do PIB em gastos do Governo federal. Na outra ponta, jogam

contra a redução do déficit a concessão de reajuste salarial ao funcionalismo depois de reajuste zero em 96 e incerteza quanto à renovação do Fundo de Estabilização Fiscal a partir de julho.

"Ocorrerão alguns ganhos importantes na área fiscal", avalia Carlos Kawall Leal Ferreira, economista-chefe do Citibank. Mas ele lembra que é preciso cautela pois a reforma administrativa e o ajuste nos Estados não tem impacto no ano, pois representam desembolso imediato de recursos por parte do Governo. Para Kawall, "se continuar a trajetória de queda de juros, dá para ter em 97 o que se esperava para 96". Isto representa déficit de 3,0% do PIB. Déficit público deverá ser reduzido.